

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

30 de Outubro de 2020

A Cinemateca com o DocLisboa: A VIAGEM PERMANENTE – O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA

EIN KRIEGSWIEGENLIED / 2019
“Canção de Embalar com Armas”

Um filme de Iana Ugrekhelidzé

Argumento, direção de fotografia (HD, cor), direção de animação: Iana Ugrekhelidzé / Direção artística: Iulia Dudenko / Música: não identificado / Montagem: Hannah Rosh / Som: Gerald Schauder / Interpretação: Lev Shuster, Anastasia Schwegler, Ricard Liepins, Guiorgui Guedevanidzé

Produção: Iana Ugrekhelidze / Kunsthochschule für Medien (Colónia) / Cópia: dcp, sem diálogos, genérico em caracteres mkhedruli e em inglês, com legendas eletrónicas em português / Duração: 9 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.

DEDE / 2017
“Dede”

Um filme de Mariam Khatchvani

Argumento: Vladimer Katcharava, Mariam Khatchvani, Irakli Solomonachvili / Imagem (HD, cor): Konstantin Essadzé / Direção artística: Mamuka Essadze / Música: Mate Tchamgueliani, Tako Jordania / Montagem: Levan Kukhachvili / Som: não identificado / Interpretação: Natia Vibliani (Dina), Guiorgui Babluani (Guegui), Guirchel Tchelidze (Guirchel), Nukri Khatchvani (Davit), Mosse Khatchvani, Spartak Pardjiani, Sofia Tcharkviani

Produção: Vladimer Katcharava para 20 Steps Productions; Sam Taylor, Mike Downey para F&ME; Igor A. Nola para MP Film Production / Cópia: dcp (suporte original), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 97 minutos / Estreia mundial: Festival de Karlovy-Vary, 2 de Julho de 2017; distribuição comercial na Geórgia a 22 de Fevereiro de 2018 / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.

AVISO:

DEDE foi visionado numa cópia, sem legendas e por este motivo não foi, infelizmente, possível elaborar a respectiva “folha”. Pelo facto, as nossas desculpas.

A.R.

Reproduzimos a seguir o texto de apresentação do filme incluído no programa mensal da Cinemateca:

Nas montanhas da Svanécia, uma jovem viúva resiste a separar-se do filho, a quem deve abandonar se for reclamada por um pretendente. Duas tragédias levaram-na a essa situação, que não parece prestes a melhorar. Drama convicto, iniciado em 1992 na guerra com a Abecásia, DEDE (Mãe em língua suana) assinala a

persistência na região de uma violência arcaica sobre a mulher, assim como da natureza grandiosa e dos trilhos difíceis que o filme incorpora na narrativa.

O fracasso dos povos e dos dirigentes da Europa central e oriental em edificar estados-nações com fronteiras estáveis e homogeneidade cultural parece ter atingido uma intensidade ainda maior no Cáucaso, cuja fragmentação étnica, religiosa e geográfica é absoluta. Os efeitos nocivos desta fragmentação foram tolhidos pelo Estado soviético, mas mal este se dissolveu explodiram conflitos armados, por exemplo, na Chechênia e entre a Arménia e o Azerbaijão (este último voltou a estar em combustão, depois de uma longa pausa, nos dias que correm) . A Geórgia, país homenageado neste ciclo de filme, não ficou imune a estes conflitos e depois de restaurada a sua independência em 1991, surgiram guerras de secessão e de anexação: a Abecásia e a Ossécia do sul proclamaram unilateralmente as suas independências depois de dois conflitos armados, ao passo que a Adjária voltou a pertencer inteiramente à Geórgia.

Esta situação de conflitos crónicos e aparentemente insolúveis está na origem do filme que abre esta sessão, que foi co-produzido com a Alemanha e cujo título original, em alemão, significa “**Canção de Embalar com Armas**”, que contém um paradoxo que talvez ilustre a situação da região. Ainda que o espectador não tenha informações básicas sobre os conflitos no Cáucaso posteriores à dissolução da União Soviética pode perceber que está diante de um filme sobre um êxodo, sobre a sinistra prática que durante a dissolução da Jugoslávia recebeu o significativo nome de *limpeza étnica*: populações inteiras resignam-se a ser deslocadas, para não serem passadas a fio de espada. A escolha é simples e a derrota amarga. Aqui as vítimas expulsas do solo onde viviam, na Abecásia, são georgianas e a realizadora trabalhou a partir de desenhos de crianças (os personagens infantis são mostrados com relevo no filme, caracterizados no centro da imagem e com diversas cores). O absurdo da situação é realçado pelo olhar infantil, que se detém sobre o resultado, sem levar em conta os sofismas que levaram a este resultado. Na banda sonora um canto elegíaco dá ao filme o tom de um trabalho de luto, de um testemunho.

Antonio Rodrigues